

Os falares dos Açores e o Atlas Linguístico-Etnográfico das Ilhas¹

The Azores dialects and the Linguistic-Ethnographic Atlas of the Islands

Claudio Cezar Henriques*

RESUMO

Este artigo apresenta um dos resultados da pesquisa desenvolvida na UERJ, com o apoio do CNPq, intitulada "Novos Estudos Geo-Históricos do Português", e se concentra na descrição parcial da realidade linguística e etnográfica do Arquipélago dos Açores. Toma como texto-base o *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* e examina a situação linguística, histórica e física das nove ilhas.

Palavras-Chave: Língua Portuguesa. Geolinguística, A língua dos Açores.

ABSTRACT

This article presents one of the results of the research developed at UERJ, with the support of CNPq, entitled "New Portuguese Geo-Historical Studies", and focuses on the partial description of the linguistic and ethnographic reality of the Azores Archipelago. It takes as its base-text the *Linguistic-Ethnographic Atlas of the Azores* and examines the linguistic, historical and physical situation of the nine islands.

Keywords: Portuguese. Geolinguistics, The language of Azores.

Articulista convidado

<http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021nEsp.507>

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, claudioch@uol.com.br, Orcid: 0000-0001-5747-9620

1 Este artigo integra pesquisa que teve o apoio do CNPq e do Programa Prociência da UERJ.

*Uma espécie de embriaguez do
isolamento impregna a alma e os atos de
todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e
procura uma fórmula quase religiosa de
convívio com quem não teve a fortuna de
nascer, como o logos, na água.*
(Vitorino Nemésio, 1932)

Introdução

Este artigo apresenta parte da pesquisa concluída em 2020 na UERJ, com o apoio do CNPq. Intitulou-se "Novos Estudos Geo-Históricos do Português: a modalidade escrita contemporânea". É a segunda etapa do projeto desenvolvido de 2014 a 2018, intitulado "Estudos Geo-Históricos do Português sob a perspectiva brasileira" e do qual resultou a publicação do livro Geo-História do Português, pela editora Gramma.

A vertente geolinguística encetada por parte das investigações ofereceu a oportunidade de um estudo sobre a variedade do português em uso nos Açores, tomando como referência principal o primeiro volume² do Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç), que se insere no projeto do "Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza" (ALEPG), em elaboração no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). As páginas iniciais do volume I esclarecem que o ALEAç, como parte integrante do citado projeto,

não tem as características de um atlas regional, na medida em que não pretende abordar de um modo aprofundado as realidades linguísticas e etnográficas locais. A descontinuidade geográfica dos Açores e a sua especificidade linguística levaram, porém, a perspectivar, em determinado

2 O ALEAç é um conjunto de mapas linguísticos, de caráter essencialmente lexical, cujo planejamento propôs a publicação de nove volumes temáticos.

momento, uma publicação independente dos materiais recolhidos para o ALEPG nas nove ilhas do arquipélago, tendo as autoridades culturais insulares tomado a seu cargo essa publicação.

Em 2008 e 2010, foram publicados pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa / Imprensa Nacional – Casa da Moeda os dois primeiros volumes da série, a saber: I - A Criação de Gado: o gado bovino, ovino e caprino; o leite e os derivados; o porco e a matança; II - A Vinha e o Vinho. Os trabalhos do linho e da lã. A partir daí, em função da impossibilidade de lançar os demais volumes em papel, a equipe e a Direção Regional da Cultura decidiram promover a sua edição *online* no site do Centro do Conhecimento dos Açores. Nela, encontram-se 1104 mapas lexicais e 70 mapas morfofonológicos e respectivas notas, cuja consulta está disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/alea/>.

A figura 1 mostra uma das imagens disponíveis na página, com o mapa morfofonológico referente à palavra “tremoços”, cuja pronúncia mostra uma oscilação na vogal átona pretónica, ora [e], ora [i], ora [ʔ].

O ALEAç é um conjunto de mapas linguísticos, de caráter essencialmente lexical, que cobre os seguintes temas:

I – A CRIAÇÃO DE GADO: o gado bovino, ovino e caprino; o leite e os derivados; o porco e a matança.

II – A VINHA E O VINHO; OS TRABALHOS DO LINHO E DA LÃ.

III – O CULTIVO DOS CEREAIS: a moagem e a panificação.

IV – A AGRICULTURA E AS ALFAIAS AGRÍCOLAS; O CARPINTEIRO E O FERREIRO.

V – OS PRODUTOS DA HORTA: ervas, flores e arbustos.

VI – AS ÁRVORES E OS FRUTOS: outras árvores e seu aproveitamento.

VII – OS ANIMAIS DOMÉSTICOS E DE CAPOEIRA: os equídeos e os arreios.

VIII – OS ANIMAIS BRAVIOS: pássaros, insetos e répteis.

IX – A FAUNA E A FLORA MARINHAS.

1. Notícias dos Açores

1.1. Situação

Classificado como um território autônomo da República Portuguesa, o arquipélago transcontinental dos Açores situa-se a oeste de Portugal e integra a União Europeia com o estatuto de “região ultraperiférica” da UE. Suas nove ilhas, que têm, juntas, 2.333km², se dividem em três grupos: no Ocidental, estão as ilhas do Corvo e das Flores; no Central, as ilhas de Faial, Graciosa, Pico, São Jorge e Terceira; no Oriental, Santa Maria e São Miguel. Nesta, se localiza a capital do arquipélago, a cidade de Ponta Delgada. A população recenseada em 2011 era de 246.772 habitantes. O quadro a seguir mostra a área e a população de cada uma das ilhas, o que é um dado relevante para que se entendam os critérios de investigação e de distribuição adotados pela equipe do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).

ILHA	ÁREA	POPULAÇÃO (em 2011)
SANTA MARIA	97,2 km ²	5.547 habitantes
SÃO MIGUEL	746,8 km ²	137.699 habitantes
TERCEIRA	402,2 km ²	56.042 habitantes
GRACIOSA	61,2 km ²	4.393 habitantes
SÃO JORGE	245,8 km ²	3.619 habitantes
PICO	447,7 km ²	14.144 habitantes
FAIAL	173,1 km ²	15.038 habitantes
FLORES	141,7 km ²	3.791 habitantes
CORVO	17,1 km ²	430 habitantes

A origem dos povoadores representa um componente bastante relevante no contexto dos estudos sobre os Açores e sua história. Os registros revelam que suas nove ilhas se encontravam desabitadas à época da sua descoberta, no início do século XV.

Apesar das controvérsias, é majoritária a tese de que os Açores foram oficialmente descobertos pelos portugueses em 1430, os quais dois anos depois começaram a povoar o arquipélago. Os documentos históricos apontam que os próprios portugueses continentais foram os principais colonizadores dos Açores, mas sua formação teve também povoadores vindos do arquipélago da Madeira. Manuela Lima (2008, p. 227-41) relata ainda a presença de indivíduos de origem judaica e de pessoas oriundas de outros países da Europa, com particular destaque para povoadores flamengos, cuja presença se instalou nas ilhas centrais, sobretudo na Ilha do Faial. A presença de escravos, mouriscos e negros, é amplamente documentada, e “as linhagens tipicamente africanas encontradas nos habitantes dos Açores, apesar da frequência reduzida, são as mais elevadas dentro da população portuguesa, o que denota uma possível maior integração dos escravos negros na população açoriana”.

1.2. A língua

Assim, o português falado nos Açores tem como base principal a língua dos povoadores que chegaram às ilhas no século XV, oriundos de várias regiões de Portugal, mas em especial do Algarve, do Alentejo, da Estremadura e do Minho. Essa configuração étnica pouco multifacetada não criou condições propícias para o surgimento de maiores variações dialetais nas ilhas, embora os estudiosos identifiquem em cada uma delas o seu próprio sotaque. É característica a população de São Miguel, por exemplo, a pronúncia da vogal U como [y], à semelhança do U francês. Em nossas pesquisas, recolhemos vários casos, entre os quais as pronúncias [io'gyrti] para “iogurte”, [ˈfyrnaʃ] para “furnas” e [yry'by] para “urubu”. Por conta de suas características fonéticas, a ilha de São Miguel é a que tem a pronúncia que mais se distancia da pronúncia das demais ilhas.

Irene Maria Blayer, ao discorrer sobre o “caso do português açoriano” (2004, p. 43-60), se detém no sistema vocálico, onde inclui os ditongos como um dos fatores marcantes da mutação que se desenvolve nos Açores. E fala da presença de uma vogal labializada:

Neste caso, a palatal *ü* chama a atenção quando ouvimos o francês e certos falares dialetais, ou variedades dentro das línguas românicas, inclusive no português (sul de Portugal). Esta característica fonológica U > *ü* também é conhecida no falar dos Açores (por exemplo em *uva*, *figura*), sendo mais proeminente em São Miguel, mas aparecendo com vários graus de acentuação nas demais ilhas. É sabido que este fonema não pertence à pronúncia normal portuguesa. No entanto verifica-se que a sua vitalidade e sua extensão são muito maiores do que se julgava. Com a presença desse fonema que distingue nitidamente o falar da ilha de São Miguel do das ilhas restantes, deu-se uma deslocação do sistema vocálico criando-se assim um sistema assimétrico, distinto do português padrão. Por conseguinte, tal fenômeno, evidentemente, identifica o falar da ilha de São Miguel. Nos outros falares regionais ele ocorre em termos mais gerais, mas é em São Miguel que se distingue profusamente da norma fonológica do português.

Essa palatalização do U tônico³, segundo registram Cuesta & Luz (1980, p. 61), “dá-se numa vasta área do Sul e do Centro de Portugal, que abrange desde a Beira Baixa até o Alto Alentejo, com pontos da Beira Litoral e Ribatejo e todo o ocidente do Algarve”. As autoras afirmam que essa mudança “pode ser mais ou menos intensa e não se dá em posição átona: maduro (ü), mas madurar (u)”, mas o exemplo açoriano de urubu (ürü'bü) ou de gordura (gür'düra) mostra que pode, pelo menos, ocorrer uma assimilação que expanda a palatalização.

Quanto à ditongação, é preciso mencionar os casos encontrados nas ilhas do Grupo Central, abrangendo o falar da Terceira, algumas áreas da Graciosa e zonas do norte de São Jorge. Blayer lembra que “ditongação semelhante aparece documentada na fala do norte de Portugal”, como confirmamos em Cuesta & Luz (*idem, ibidem*):

Numa pequena zona nortenha (desde o Porto a Guimarães, Ponte de Lima, Barcelos e Póvoa do Varzim) produz-se a curiosa ditongação incipiente de [e] e [o] – tanto fechados etimologicamente como por metafonía – em [ye] e [wo]: *pera* ['pyera], *menos* ['myenuš], *poço* ['pwosu], *porto* ['pwortu]. Registra-se também essa ditongação quando se trata de [ɛ] e [ɔ]: *terra* ['tyɛra], *quero* ['kyɛru], *morta* ['mwɔrta].

Os exemplos coligidos por Blayer em sua investigação de campo nos Açores apontam para o fato de a ditongação com U ser comum quando essa vogal é precedida de consoantes bilabiais (p, b, m) ou velares (k, g). O exemplário também indica que o contato da vogal acentuada com as labiodentais (f, v), as dentoalveolares (t, d, n, l, r, s, z) ou a palatal lh pode gerar a ditongação. E cita (2004, p. 50): o milho > *u muilho*; cosido > *cuzuido*; pelo menos > *pulo muenos*; aberto > *abuerto*; idade > *idiade*; lá em casa

3 Embora sua maior presença aconteça na ilha de São Miguel, essa labialização do U também ocorre na ilha do Corvo e em algumas zonas da ilha do Pico.

> *la im kiasa*; comida > *kumuida*; convento > *kunvuento*; oitavo > *oitiavu*; estimasse > *istimiase*; servido > *survuido*.

Outros traços fonéticos relevantes encontrados nos Açores mostram fenômenos que também ocorrem em muitas regiões em que se fala o português. Alguns desses traços são praticados no Brasil, como a abertura de vogais pretônicas, a flutuação entre o R velar e o alveolar, a metafonía da vogal base de ditongos tônicos, o apagamento do R final de palavras oxítonas.

É Eugenio Coseriu quem afirma que “a linguagem é uma atividade humana universal que se realiza individualmente, mas sempre segundo técnicas historicamente determinadas” (1980, p. 91) e que “as línguas são entidades que resultam de como as pessoas veem e explicam realidades, criações socioculturais elaboradas por grupos de falantes que se identificam frente a outros falantes”, já que “as delimitações linguísticas não seguem critérios objetivos, mas, ao contrário, impõem-se ao mundo das experiências.” (1982, p. 26). Nesse sentido, as variações dialetais açorianas são constatações de que há fatores coletivos relacionados a fenômenos linguísticos relevantes para os estudos da sincronia e da diacronia do português⁴.

2. Uma Pequena Amostra: O volume I do *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (ALEAç)⁵

2.1. Metodologia

Serafim da Silva Neto, na primeira frase do Guia para Estudos Dialetológicos (1957, p. 9), diz: “No Brasil, é preciso antes de mais nada criar uma mentalidade dialetológica, preparando um ambiente favorável às pesquisas de campo.” Na obra, ele propõe uma série de tarefas que julgava

4 Veja-se a esse respeito a matéria com o professor, escritor e ensaísta açoriano Victor Rui Dores em https://www.youtube.com/watch?v=7BTcK35UI38&ab_channel=Jos%C3%A9AgostinhoSarpa

5 Nesta parte do artigo, valemo-nos dos dados objetivos constantes do volume I do ALEAç, acrescidos de comentários e adaptações de redação.

urgentes para a implantação dos estudos dialetológicos no Brasil. Foi um entusiasta da ideia dos atlas linguísticos, mas sempre defendeu a necessidade de que também se fizessem estudos monográficos sobre o assunto, para dar mais “profundidade ao que os atlas têm em extensão” (1957, p. 267)⁶.

Os desafios para as pesquisas dialetológicas de campo são por demais conhecidos. Em Portugal não seria diferente, o que nos faz lembrar a pergunta que Celso Cunha propõe a si mesmo no clássico *Uma Política do Idioma* (1968, p. 53): O que é e para que serve um Atlas Linguístico? Ele mesmo responde:

Um Atlas é um grande vocabulário dialetal que visa a apresentar, de maneira científica e viva, sobre cada carta, as variantes de uma palavra ou de uma pequena frase em território mais ou menos vasto. Como as palavras e frases objetos da pesquisa são escolhidas previamente, depois de acurado estudo das formas culturais de uma comunidade – de que a língua é a expressão –, o *corpus* levantado, embora incompleto, torna possível ampla visão dos traços essenciais do vocabulário, sua repartição geográfica, sua vitalidade, história dos termos, viagens de palavras, evolução de formas gramaticais, diferenças de pronúncia, relação dos dialetos e falares com a língua culta. E, como a palavra está estreitamente ligada à coisa que designa, o Atlas permite também o aferimento da vivência de formas e complexos culturais.

Na terminologia técnica dos estudos linguísticos, a expressão "geografia linguística" é atribuída a um método dialetológico comparativo, cujo desenvolvimento começou a despontar no século XX e que, no Brasil, se iniciou em 1952, quando um ato do governo brasileiro determinou a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), tarefa que foi confiada à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa.⁷

6 Os dois primeiros parágrafos deste tópico transcrevem, com pequenas adaptações, trechos do livro *Geo-História do Português: estudos sobre a história e a geografia do português na perspectiva brasileira* (HENRIQUES, 2019, p. 130).

7 No livro *Geo-História* trato minuciosamente desse tema, que subdivido em "fase geolinguística" e "fase cartográfica nacional" (p. 127-42)

A geolinguística

pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados. (COSERIU, 1982, p. 79)

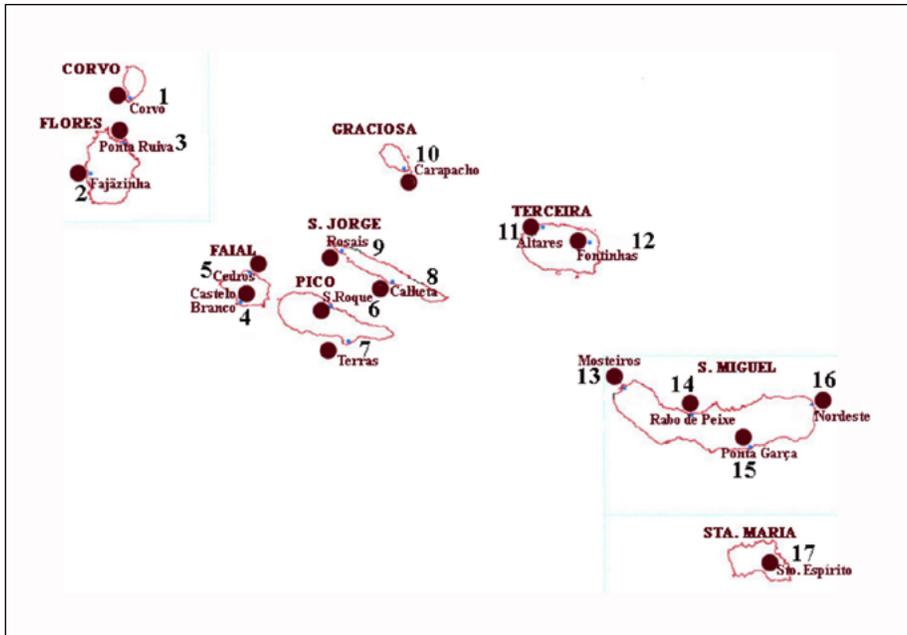


Figura 2. as 17 localidades

O ALEAç cobre um total de 17 localidades e estabeleceu uma rede de pontos de inquérito que levou em consideração (i) a diversidade linguística revelada pelos estudos anteriores e pelas primeiras observações de campo; (ii) a dimensão e configuração de cada ilha; e (iii) a distribuição da população não urbana.

Os pontos de investigação são 17, indicados na figura 2 e identificados na listagem abaixo:

- **Corvo:** Corvo (1);
- **Flores:** Fajãzinha (2) e Ponta Ruiva (3);
- **Faial:** Castelo Branco (4) e Cedros (5);
- **Pico:** S. Roque (6) e Terras (7);
- **São Jorge:** Calheta (8) e Rosais (9);
- **Graciosa:** Carapacho (10);
- **Terceira:** Altares (11) e Fontinhas (12);
- **São Miguel:** Mosteiros (13), Rabo de Peixe (14), Ponta Garça (15) e Nordeste (16);
- **Santa Maria:** Santo Espírito (17).

Para a elaboração do ALEAç, foi utilizado o Questionário Linguístico publicado em 1974 pelo então Instituto de Linguística (atual CLUL). Inicialmente, o questionário continha cerca de 4.000 perguntas de base lexical, abrangendo alguns aspectos fonéticos e morfofonológicos.

Dada a morosidade verificada na realização de inquéritos dessa envergadura, a partir de 1990 optou-se por encarar duas etapas de recolhas, reduzindo-se o Questionário, numa primeira fase, para cerca de metade das perguntas, contemplando os campos semânticos que correspondem aos temas citados. Paralelamente, verificou-se que os dados fornecidos pelos informantes englobavam um léxico muito mais abundante do que aquele que constava do Questionário. Por esse motivo, as noções que ao longo dos inquéritos apareceram de modo espontâneo e recorrente vieram a ser incluídas como adendos eventualmente cartografáveis. (...) Outras informações, esporádicas, surgidas a respeito de qualquer assunto, foram anotadas nos cadernos de inquérito como conceitos relacionados, e poderiam ser incluídas posteriormente nas notas aos mapas. Essas alterações justificam a não coincidência que se verifica entre o Questionário de 1974 e aquele que finalmente deu origem à publicação dos volumes. (ALEAç, v. I, p. 8)

Na coleta dos dados⁸, foram utilizados dois procedimentos essenciais: o da pergunta-resposta segundo o questionário e o da descrição de trabalhos, em conversa livre. A fim de não influenciar as respostas, as perguntas foram feitas, em geral, de modo indireto, a partir de uma frase definidora do conceito ou da coisa perguntada – definição que, por vezes, podia ser acompanhada ou mesmo substituída por uma fotografia ou desenho.

O discurso livre antecede, em alguns capítulos, a aplicação detalhada do questionário e é introduzido por uma pergunta de caráter geral. Esse tipo de discurso, não só permite aos investigadores terem uma primeira visão geral do assunto em foco, como constitui uma amostragem de fala continuada que possibilita outros tipos de análise linguística, tais como estudos de sintaxe e de aspectos morfofonológicos que o questionário não previu. (ALEAç, v. I, p. 8)

Duas outras informações relevantes se referem a questões operacionais e técnicas: (i) Os inquéritos foram integralmente gravados em suporte magnético analógico, e o registro total de materiais açorianos atinge cerca de 440 horas de gravação; (ii) O alfabeto fonético utilizado no ALEPG (e no ALLP) foi estabelecido em 1974, com base no IPA, incluindo, porém, uma série de 13 diacríticos, os quais permitiram uma adaptação às variantes fonéticas locais. Na pesquisa, registrou-se a utilização de 25 fones consonantais, 13 fones vocálicos e 2 fones semivocálicos.

Além disso, como os conceitos que constituíam o Questionário Linguístico abrangiam diferentes áreas semânticas, recorreu-se, na maior parte dos inquéritos, a um informante "principal", que respondia aos capítulos relacionados com a agricultura e a questões do conhecimento geral, e a informantes "secundários" para cada uma das partes que requeriam

8 O primeiro deslocamento do Grupo de Estudos de Dialectologia aos Açores ocorreu em 1979, quando se efetuaram recolhas de prospecção na totalidade das ilhas. A segunda incursão ocorreu em 1981 e apenas em 1995 e 1996, em virtude de restrições orçamentárias, foram retomados e concluídos os inquéritos linguísticos nos Açores.

saberes mais específicos, tais como os capítulos sobre carpintaria, tecelagem, moagem, etc.

Na escolha dos informantes adotaram-se os seguintes critérios: (i) pertencimento à localidade ou à zona do inquérito; (ii) reduzido nível de escolaridade; (iii) idade, geralmente, superior a 40 anos; (iv) ausência de defeitos de pronúncia; e (v) bom conhecimento dos assuntos inquiridos. A grande maioria tinha um nível de instrução básico (3ª ou 4ª classe), sendo analfabeta a minoria restante. Cerca de 80% dos informantes tinham idades compreendidas entre os 50 e os 75 anos, e mais de metade do total tinha entre 60 e 75 anos. Todos apresentavam boa capacidade de resposta.

Na lista de informantes, a profissão de *agricultor* foi atribuída aos que trabalhavam a terra, fossem ou não proprietários, e a de *doméstica*, que muitas informantes atribuíram a si próprias, incluía, na maior parte dos casos, a sua participação em trabalhos agrícolas.

O ALEAç não teve objetivos sociolinguísticos e, por isso, não incluiu na cartografagem dados identificadores das pessoas que forneceram as respostas. A identificação do autor de cada resposta, contudo, está registada nos cadernos de inquérito e na base de dados, podendo assim ser recuperada caso haja algum interesse nesse aspecto.

2.2. O Volume I

Na tradicional sociedade rural açoriana, a convivência com os animais domésticos sempre foi uma realidade, não sendo exagero reconhecer seu grande apego afetivo aos animais. É muito comum nas ilhas dizer-se que um bebê gordinho é um marrãozinho, que se dormir muito é um bacorinho e que uma menina com olhos pestanudos é linda como uma bezerrinha. Desde que o animal seja mencionado no diminutivo, e nunca na fase adulta, tais comparações são sempre elogiosas. De resto, é frequente os pais de bebês sem graça serem consolados dizendo que "os cães mais bonitos foram os cachorros mais feios". (cf. DIAS, 2015, p. 106-7)

O volume I do Atlas está organizado em duas partes. A primeira delas é chamada "Mapas Lexicais" e reúne cinco subgrupos. O primeiro deles intitula-se "generalidades", com substantivos e expressões substantivas (gado, rebanho de ovelhas, prado, rês, caminhos do gado, etc.) e verbos (apascentar, pastar, tocar). O segundo é denominado "Bovinos", e nele predominam os zoônimos (boi, vaca, touro, bezerro, novilho) ou os termos do cenário rural (estábulo, manjedoura, bosta, recipiente em que o gado bebe, colostro), mas também estão presentes os verbos ou expressões topicalizadas por eles (cobrir, lamber a cria, ruminar, estar no cio). Na terceira subseção, estão os "Ovinos e Caprinos", com as mesmas características do subgrupo anterior: zoônimos (carneiro, ovelha, cordeiro, bode, cabra), expressões e nomes inanimados (sujidade da lã, brincos, testículos) e verbos (castrar, berrar). O quarto grupo é denominado "Leite e Deivados", onde estão presentes substantivos (manteiga, leite, nata, queijo, coalhada) e verbos (mungir, coalhar). O último grupo se chama "O Porco e a Matança" e inclui substantivos (porco, verrasco, bácoro, banha, pocilga, focinho, tripa do cu, tutano, vinha d'alhos) e verbos (foçar, roncar, chauscar, raspar, desmanchar).

A segunda parte do Atlas é denominada "Mapas Morfofonológicos", com oito cartas: rês / reses (138), curral / currais (139), boi / bois (140), corno / cornos (141), porco / porcos / porca (142), leitão / leitões (143), leitão / leitoa (144) e osso / ossos (145).

As figuras seguintes ilustram os resultados dos inquéritos feitos a partir de três palavras do volume I: BOI (verbete 18), VACA (verbete 19) e PORCO (verbete 85).

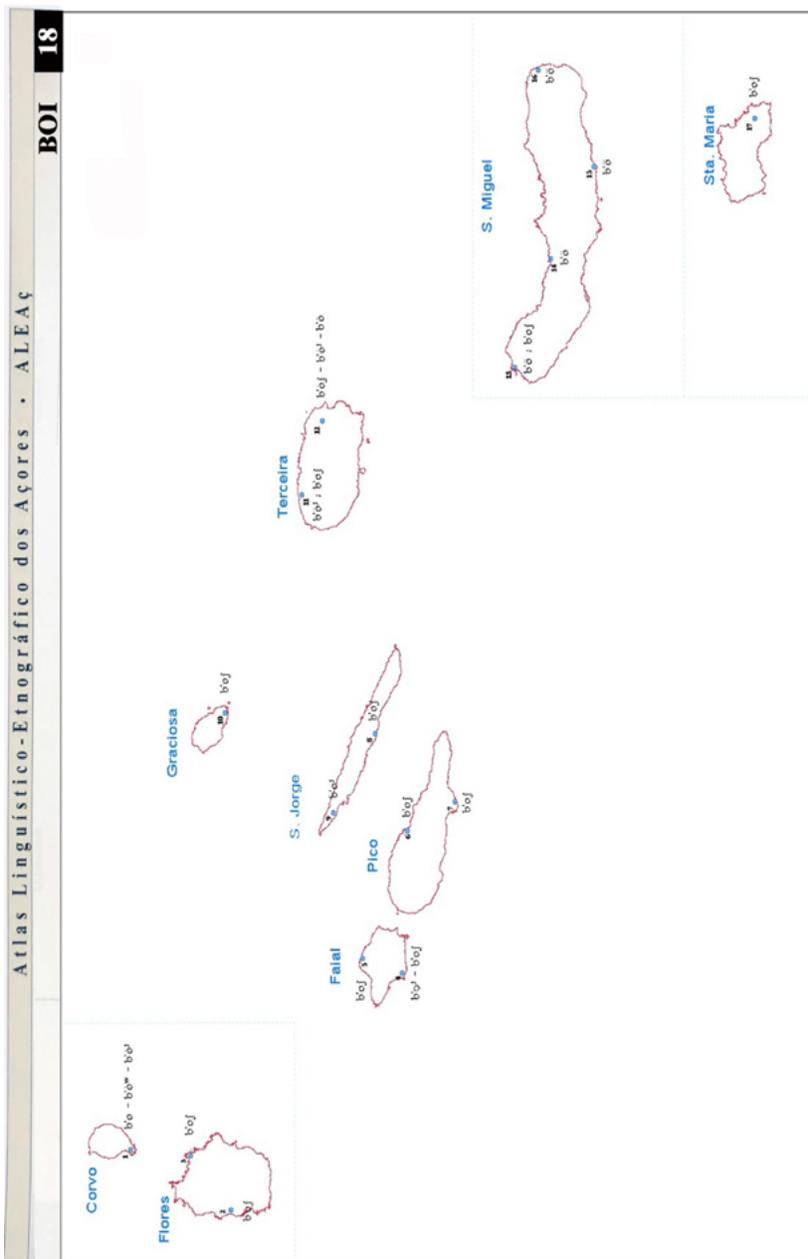


Figura 3. verbete 18

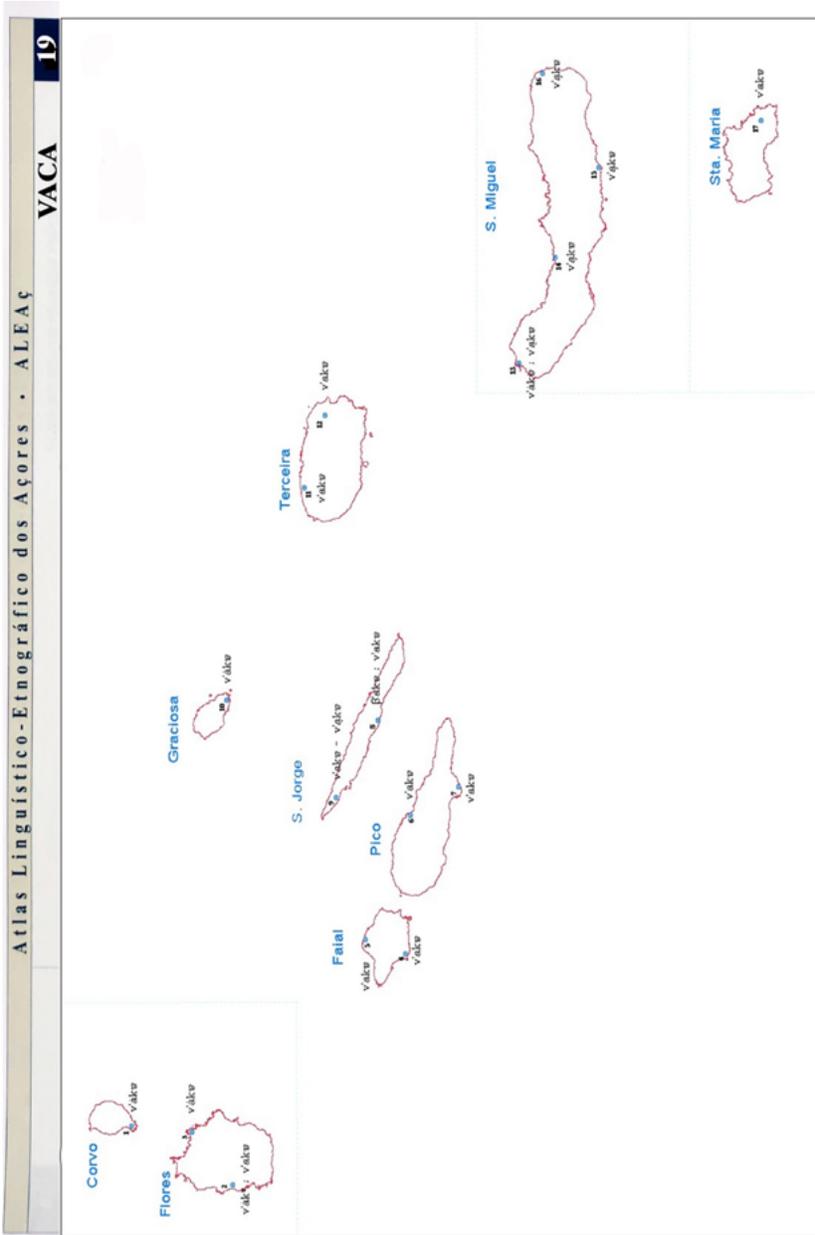


Figura 4. verbete 19

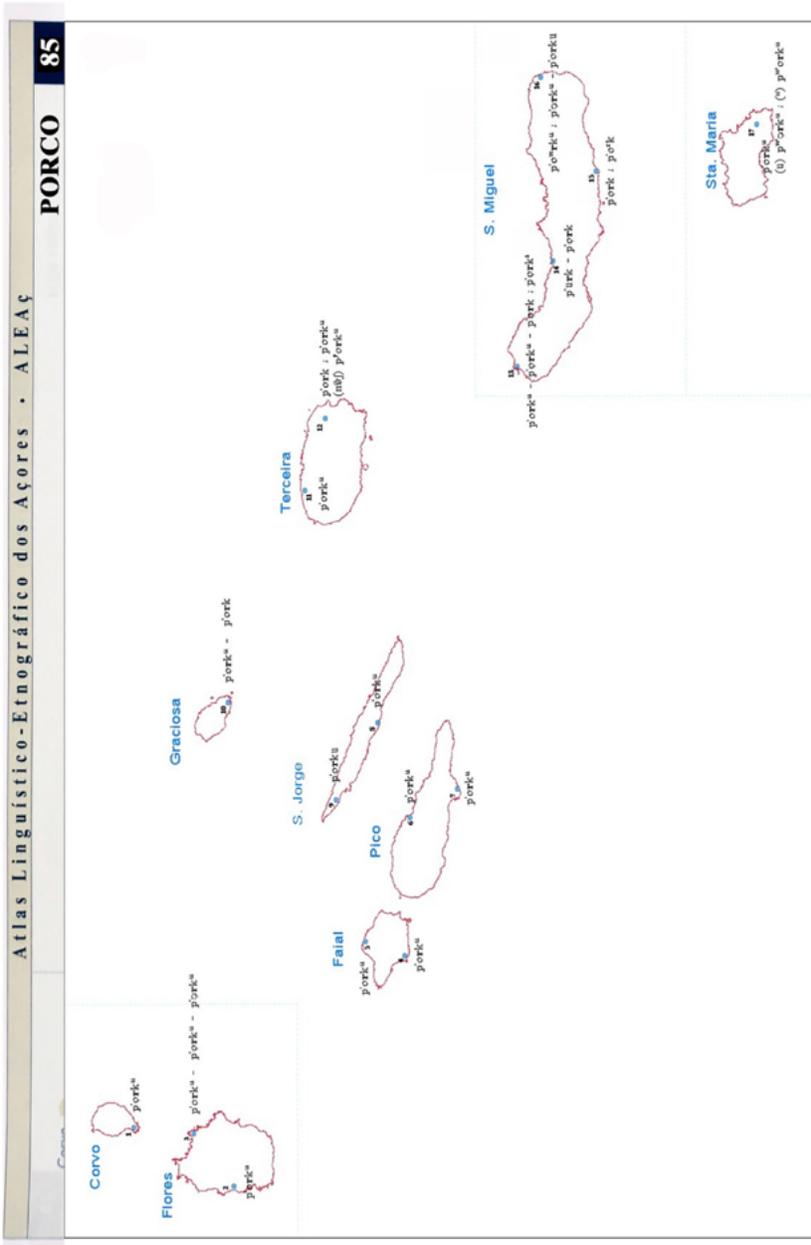


Figura 5. verbete 85

As observações sobre o verbete BOI (figura 3) oferecem alguns dados específicos. a saber:

Em São Miguel, designa-se por *boiato* o boi novo ou o bezerro que é castrado para o trabalho // Antigamente, nos Altares (ilha Terceira), dava-se aos bois de uma junta os nomes de *Amante e Brilhante, Amado e Cuidado, Ajuste e Contrato, Picardo e Lagarto e Querido e Amado* (ambos pretos) // Outros nomes frequentemente dados aos bois: na Fajãzinha (Flores) - *Gigante, Damasco, Brasil e Trigueiro* (preto); nos Mosteiros (São Miguel) – *Diamante, Teimoso, Brioso* (vermelho) e *Formoso* (vermelho).

A segunda palavra selecionada, como vimos, foi VACA (figura 4). No Atlas, não há nenhuma observação sobre ela, que será aqui acompanhada das informações extraídas do *Dicionário Sentimental da Ilha de São Miguel*, de Fátima Sequeira Dias (2015, p.38):

Desde os inícios do século XX se assistiu às primeiras experiências de lavoura para a sua transformação em laticínios, mas o *ciclo da vaca* iniciou-se após a Segunda Guerra Mundial. Assistiu-se a um intenso movimento de desbravamento de terras para permitir o cultivo, e a ilha transformou-se num imenso pasto. No pasto ou na estrada, quando o gado é deslocado para outras terras, a vaca tornou-se um elemento familiar da paisagem e do viver dos micalenses e dos açorianos em geral. Em 1970, ainda mais de 50% da população ativa de São Miguel estava ligada ao setor primário, arrolando-se no ano de 1973, 68.195 cabeças de bovinos. Na altura, o setor primário contribuía para 49% do PIB. Hoje a população ligada ao setor é inferior a 17% e a sua contribuição para o PIB regional é de 11%. Tal como os ciclos do passado, também o *ciclo da vaca* está a terminar. São comuns, e não são pejorativas em São Miguel, as expressões "trabalhar nas vacas" e "o rapaz das vacas".

Sobre a palavra PORCO (figura 5), há as seguintes observações:

No Corvo, até há uns 60 anos atrás, todos os porcos eram levados diariamente para o terreno baldio que se situa na parte alta da ilha. Todas

as manhãs, cada lavrador encaminhava para lá o seu porco onde ficavam a pastar todo o dia. Ao fim da tarde, abria-se a cancela que isolava o terreno comunal e cada animal voltava sozinho para a sua pocilga, que distava cerca de 2 km. Por razões sanitárias, este hábito foi abandonado, e os porcos mais novos passaram a ser levados para determinados pontos do baldio, onde havia água e abrigos. Aí permaneciam desde março/abril até outubro/novembro. Durante esse período, os donos iam verificar, aos fins de semana, se tudo estava bem e levavam-lhes milho em grão para reforçar a sua alimentação. Passada essa época, eram trazidos para as pocilgas, que se encontravam junto das residências, onde ficavam mais um ano até serem mortos. Enquanto se encontravam no baldio, dizia-se que os animais estavam na *criação*. O conjunto dos porcos que estava no baldio era designado por *rebanho*.

Também na ilha das Flores é citado este costume: quando os atuais terrenos dos Serviços Florestais eram comunais, os donos levavam as suas porcas, com as crias, para aí pastarem durante um certo período de tempo.

Em Terras (no Pico) e em Calheta (São Jorge) *rebanho* e em Nordeste (São Miguel) *vara* indicam um conjunto de porcos.

Nos Açores não existe uma designação específica para o porco que é alimentado mais abundantemente antes da matança. As respostas obtidas para a pergunta relativa ao conceito ‘cevado’, foram: *gordo* (no Faial, em São Jorge e em São Miguel); *porco gordo* (também em São Miguel), *porco de engorda* (no Pico), *está à engorda* (no Corvo).

Em Ponta Garça (São Miguel) é feita referência a uma antiga profissão, a dos *enxarqueiros*, que eram os indivíduos que se dedicavam à compra de porcos e, simultaneamente, à venda de *manteiga*.

Na linguagem cotidiana, é comum a pergunta "*A tua porca vai ter marrãos?*", feita à mãe ou à sogra de uma jovem quando já se sabe que ela está grávida. Uma variante dessa pergunta, que ocorre em casos de dúvida sobre a gravidez, é "*Quando é que a tua porca vai ter marrãos?*"

A transcrição desses três verbetes⁹ e a apresentação analítica da tarefa executada pelos pesquisadores portugueses do campo da geolinguística nos Açores (a figura 6 reproduz a capa da obra), tem o objetivo de dar ciência aos leitores de um trabalho muito importante nessa área de estudos. Após examinar a metodologia praticada, os critérios de organização, o levantamento, a anotação e o registro das conclusões, fica a convicção de que as palavras de Lindley Cintra¹⁰, escritas em 1962, continuam presentes:

No duro e doloroso tempo que vivemos, quando, perante uma tão premente necessidade de ação, chego a pôr em causa, para mim próprio, o direito àquela tranquila investigação sobre as palavras, que é em princípio a vida do filólogo, penso frequentemente na minha experiência dialetológica e encontro nela motivos para prosseguir.

9 Em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/alea/Default.aspx>, é possível acessar todas as 1.175 cartas – disponíveis no linque "pesquisa" e no sublinque "ver todos".

10 Na página da dedicatória do ALEAç, o homenageado é Luís Felipe Lindley Cintra.

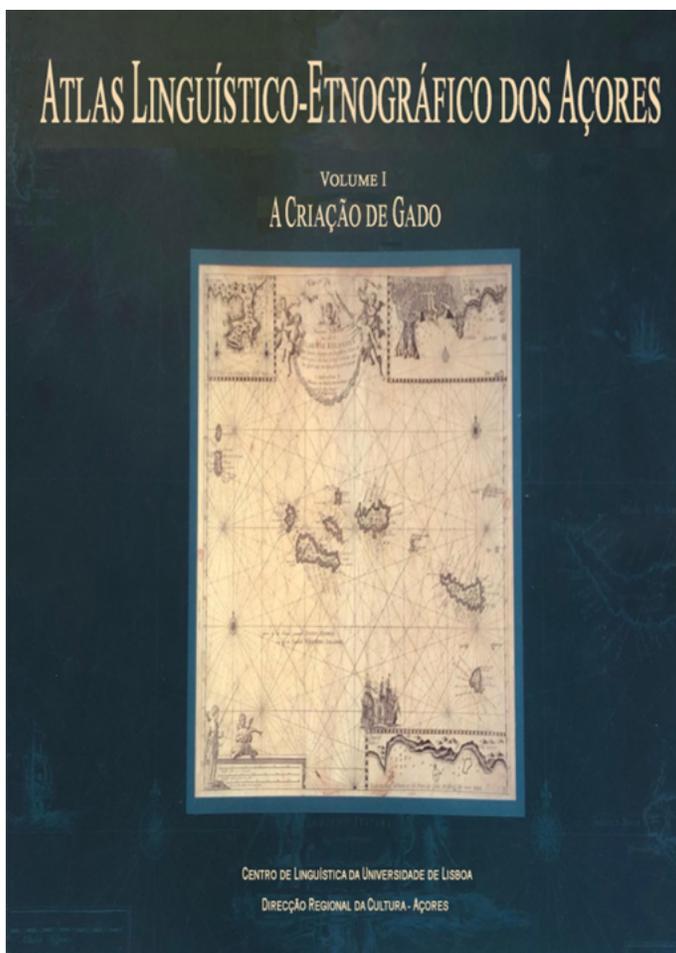


Figura 6. o volume I

Conclusão

A vida açoriana não data espiritualmente da colonização das ilhas: antes se projeta num passado telúrico que os geólogos reduzirão a tempo, se quiserem... Como homens, seus habitantes estão soldados historicamente ao povo de onde vieram e enraizados pelo *habitat* a uns montes de lava que

soltam da própria entranha uma substância que neles penetra. A geografia, para os açorianos, vale outro tanto como a história, e não é de balde que as recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias, diz-se que os ilhéus têm uma dupla natureza, sendo de carne e pedra. Seus ossos mergulham no mar. Mas este simbolismo está muito longe de aludir com clareza aos segredos do ser açoriano, e mais parece um entretenimento linguístico do que um sério propósito de estudar o problema de cada uma de suas almas.

Vitorino Nemésio¹¹, que inspirou as linhas do parágrafo acima, escreveu que gostaria de, um dia, se pudesse fechar-se nas suas quatro paredes da Terceira, sem obrigações para com o mundo e com a vida civil já cumprida, tentaria redigir um ensaio sobre a sua açorianidade subjacente que o desterro afinava e exacerbava. "Antes desse dia de libertação íntima, mal poderei fazer-me entender dos outros. Um aceno de ternura, um vago protesto de solidariedade insular à distância é o muito que estas linhas podem significar."

Referências

BLAYER, Irene Maria F. Variação Linguística no Português Europeu: O Caso do Português dos Açores. **Signum: Estudos da Linguagem**, 2004, v. 7. n. 1, p. 43-60.

11 Vitorino Nemésio, poeta açoriano, nasceu a 19 de dezembro de 1901 na praia da Vitória (ilha Terceira). Foi também historiador, romancista, crítico e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lecionou no Brasil em 1958. Publicou em poesia, entre outros, *O Bicho Harmonioso* (1938), *Eu, Comovido a Oeste* (1940), *Nem Toda a Noite a Vida* (1953), *O Verbo e a Morte* (1959), *Canto de Véspera* (1966) e *Sapateia Açoriana, Andamento Holandês e Outros Poemas* (1976). Publicou ainda os romances *Paço de Milhafre* (1924), *Varanda de Pilatos* (1926) e *Mau Tempo no Canal*, seu trabalho mais famoso (1944). Vitorino Nemésio faleceu em Lisboa, a 20 de fevereiro de 1978, tendo sido sepultado na cidade de Coimbra, no cemitério de Santo António dos Olivais.

COSERIU, Eugenio. **Lições de linguística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

-----, **O homem e a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

CRISTÓVÃO, Fernando (coord.). **Dicionário temático da lusofonia**. Lisboa: Texto, 2006.

CUESTA, Pilar V.; LUZ, Maria Albertina Mendes da. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Edições 70, 1980

CUNHA, Celso Ferreira da. **Uma política do idioma**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. A 1ª edição é de 1968.

DIAS, Fátima Sequeira. **Dicionário sentimental da Ilha de São Miguel**. Ponta Delgada: Publiçor, 2015.

FERREIRA, Manuela Barros; SARAMAGO, João; SEGURA, Luísa & VITORINO, Gabriela. **Atlas linguístico-etnográfico dos Açores**. volume i – a criação de gado. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2008.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Geo-história do português**: estudos sobre a história e a geografia do português na perspectiva brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.

LIMA, Manuela. Povoamento e História Demográfica dos Açores: o contributo da genética. **Boletim do Núcleo Cultural da Horta**, 17. Núcleo Cultural da Horta, p. 227-41, 2008.

NEMÉSIO, Vitorino. "Açorianidade". Coimbra: Cruz de Celas. **Insula** 7-8, número especial comemorativo do V Centenário do Descobrimento dos Açores, 1932, Ponta Delgada, p. 59, 1932.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialetológicos**. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas para a Amazônia, 1957.

SILVEIRA, Pedro da. **Antologia de poesia açoriana**: do século XVIII a 1975. Lisboa: Sá da Costa, 1977.

Páginas consultadas

<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ccca/Default.aspx> Acesso em 25/02/2021.

<https://www.azoresgreenmark.com/pt/acoress/history/> Acesso em 25/02/2021.

<http://www.icpd.pt/> Acesso em 25/02/2021.

<https://www.escritas.org/pt/bio/vitorino-nemesio> Acesso em 25/02/2021.